

POR UMA VISÃO TRÁGICA DO AMOR:resenha de *O amor é trágico, ame!*

Anthony Frota

“O amor é trágico, ame!”.

A exclamação supracitada, aparentemente exótica, foi proferida, aos quatro cantos do mundo, por Antonio Stélio, “o marginal do amor”. Acreano dos pés rachados, Stélio tem formação em Jornalismo e foi a primeira pessoa a defender um TCC de Filosofia no Estado do Acre, tendo concluído o bacharel nessa área pela Sinal: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (instituição fundada pelo saudoso professor Francisco de Assis Ferreira dos Santos). O livro desta resenha, produzido pela editora italiana *Garcia Edizioni*, é fruto de um trabalho monográfico, que foi adaptado para uma linguagem acessível e descontraída. Discípulo de Raul Seixas – como ele próprio se intitula —, o autor não hesita em apresentar as múltiplas facetas da sabedoria filosófica, de modo a desafiar os cânones tradicionais do cenário acadêmico brasileiros. Além da obra mencionada, ele escreveu outros livros cativantes: *O Argonauta*, *Vovó leu Nietzsche*, *Rosalina, meu amor*, *O escaravelho da floresta* e *Aforismos de um poeta do Envira*.

Na visão do Prof. Dr. Guilherme Cunha, prefaciador da obra e “compadre” do autor, trata-se de um livro para “estômagos fortes”, tendo em vista que faz uso da boa e velha “literatura maldita”

. Dividido em três capítulos, o livro de Antonio Stélio toma como ponto fulcral uma abordagem profundamente marginalizada pelas “filosofias sérias” da tradição ocidental: a filosofia trágica de Friedrich Nietzsche e Clément Rosset. Assim, o “poeta do Envira” expõe uma perspectiva não-convencional sobre os diferentes sentidos do amor, não recorrendo ao platonismo ou à metafísica cristã, e sim, à sabedoria trágica dos antigos. Com efeito, ele assevera, corajosamente, que o amor pode acabar, mas o desejo de amar está inscrito perpetuamente no coração das pessoas.

No decorrer da história, o ser humano, este ser inconcluso e lançado no mundo, preocupou-se exaustivamente com a felicidade, “como quem procura o Santo Graal, o Velo de Ouro ou o Grande Segredo Alquímico” (Stélio, 2011, p. 13). Porém, muitas vezes, cometemos o equívoco de considerar a felicidade como um problema matemático de

complexa resolução. Na concepção do autor, “a felicidade não é algo material: é um estado de espírito que tem como andor uma vida simples e sincera” (Stélio, 2011, p. 20).

Neste mundo cruel, sem nenhum sentido prévio, o ser humano é como um ator em meio a um espetáculo teatral. Ele precisa compreender que, apesar de todas as dores e desilusões, é importante reconhecer a tragicidade do real e afirmar a vida ao máximo possível. Diferentemente dos metafísicos “exclusivistas”¹, o filósofo trágico afirma tudo, inclusive a dor. É nesse sentido que o amor também é trágico: ele está situado no plano do real, do imanente e do passageiro.

A vida, sem ornamentos ou artificios religiosos, simplesmente é. O ser humano é quem faz questão de adjetivá-la. Isso condiz com a sua busca por segurança e respostas simples para questões existenciais.

Nada obstante, a temática do amor é deveras instigante, pois é ele que move toda a *práxis* na Terra. Poderíamos imaginar um mundo, uma existência sem amor? Ora, seria tão absurdo quanto imaginar uma existência sem a música, que é uma grande manifestação do pulsar dionisiaco. Mas, afinal, o que é isto – o amor?

Para a sabedoria trágica, o amor envolve uma experiência singular e intransferível, logo, está isento de definições “manualescas” e rigorosamente lógicas. O amor está presente em todo ser humano, pois é uma realidade que ultrapassa o dualismo “bem e mal”.

A importância do amor na vida humana é algo difícil de contestar. E negar absolutamente. Mesmo as pessoas mais insensíveis, vez por outra, revelam uma disposição intrínseca para o amor, sendo que, amiúde, escondem tal desejo numa falsa insensibilidade, ou, simplesmente, no medo de amar ou sofrer. Elas, talvez intuitivamente, saibam que o amor é trágico. Só não sabem lidar com isso, com essa característica, e aproveitar tudo de bom e maravilhoso, tudo de único que o amor oferece (Stélio, 2011, p. 29).

Como se pode ler, no texto supracitado, o amor está presente até mesmo nos que são classificados como “insensíveis”. Ele se impõe como as leis e faz de cada ser humano

¹ Termo utilizado pelo Prof. Dr. Guilherme Cunha (UFAC) em seu livro *Dobras Filosóficas*. As éticas exclusivistas, ao contrário das “éticas do acolhimento”, ignoram o lado demasiado humano da existência e, conseqüentemente, petrificam a linguagem, impedindo as múltiplas manifestações estéticas da vida. Cf. CUNHA, Guilherme da Silva. **Dobras Filosóficas**. Gráfica Globo: Rio Branco, 2007.

uma nova vítima. Não existe nenhuma saída plausível, senão, aceitar e afirmar aquilo que não pode ser alterado pelos nossos esforços pessoais².

O grande erro dos amantes é esquecer que o amor – enquanto parte da realidade trágica – é finito, transitório e paradoxal. Por conta desse “esquecimento”, aquele que ama trata o amado como se este fosse uma “posse”, e não uma pessoa autônoma. Como reitera o pensador acreano, “o desejo de posse é incompatível com o caráter trágico do amor [...]. O acasalamento é natural. O casamento é artificial [...]. O amor é o mar onde reinam as tempestades” (Stélio, 2011, p. 66). Quando a pessoa amada quer ir embora, é preciso pôr em prática a cruel – porém necessária - “arte de desapaixonar”.

Em síntese, os “ditirambos” de Antonio Stélio convidam o leitor a uma concepção imanente do amor. Em oposição ao “amor cristão”, que se caracteriza pelo total devotamento ao outro para manter a coesão do rebanho, o “amor trágico” funda-se no acolhimento de cada indivíduo e reconhece as diversas imperfeições contidas no verbo “amar”.

Referência

STÉLIO, Antonio. **O amor é trágico, ame!** Garcia Edizioni [s.l.], 2011.

² Para referir-se a esse amor, Friedrich Nietzsche faz uso da expressão estoica *amor fati*, que quer dizer “amor ao destino”.